

opiniões

olhares sobre a
literatura brasileira
no exterior: uma entrevista
com **milton hatoum**

*Lohanna Machado**

*Wanderley Corino Nunes Filho***

Às vésperas de completar 30 anos da sua estreia como ficcionista, Milton Hatoum gentilmente nos concedeu a entrevista a respeito da recepção de sua obra no exterior e também da sua visão sobre a posição ocupada pela literatura brasileira em âmbito internacional. A decisão em convidar Hatoum se justifica não só pelo fato de se tratar de um dos escritores brasileiros contemporâneos mais traduzidos, mas também por conta de seu ofício como tradutor, do qual destacamos a tradução de *Representações do intelectual*, de Edward Saïd.

*

Milton Hatoum é um dos escritores brasileiros contemporâneos mais traduzidos. A seu ver, quais são os principais pontos de atração que sua obra tem exercido nesses diferentes tradutores e editores estrangeiros que despertaram interesse em vertê-la para outras línguas?

Meu primeiro romance (*Relato de um certo Oriente*) foi traduzido em várias línguas. Isso foi inesperado. Não é um romance comercial, longe disso. Acho que houve um interesse no drama familiar e na confluência de duas culturas: a

* Doutoranda em Literatura Brasileira na USP com projeto sobre a internacionalização da literatura brasileira. Mestre em Estudos Literários na UFPR com a dissertação *O pobre-diabo na literatura brasileira*: de José Paulo Paes a Chico Lopes. Bolsista CNPq. E-mail: lohanna.machado@gmail.com

** Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo com a dissertação *A poética errante de Orides Fontela*. E-mail: wcorino@gmail.com

brasileira da Amazônia e a dos imigrantes árabes nessa região. O *Dois irmãos* seguiu essa linha. Mas as resenhas estrangeiras falam também da linguagem, do mito, da estrutura das narrativas, da tradução. Não sei ao certo os critérios de escolha de uma editora estrangeira. Por exemplo, acaba de sair uma tradução japonesa do *Órfãos do Eldorado*. Por que a editora decidiu traduzir esse livro, e não outro?

Houve alguma diferença entre as impressões e leituras dos leitores brasileiros e estrangeiros que notou ou chamou sua atenção?

Isso é curioso. Cada país tenta relacionar o livro traduzido com a sua cultura. Na França, o resenhista do *Le Monde* citou a influência de Proust no *Relato de um certo Oriente*. O jornal inglês *The Guardian* falou na influência de uma novela de Henry James no *Dois irmãos*. Na Itália, como é natural, a crítica mencionou o mito como ponto de partida para esse romance. Mas geralmente a influência da literatura brasileira não é mencionada no exterior. Essa é a vantagem da crítica latino-americana, que conhece a nossa literatura e também as literaturas estrangeiras. Devo muita coisa à leitura de obras de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Drummond, Bandeira, mas poucos jornalistas literários estrangeiros têm familiaridade com a obra desses autores. Então eles escrevem uma impressão de leitura a partir do repertório deles, como se Machado não existisse. E o diabo é que eu não teria escrito o *Dois irmãos* sem a leitura de *Esaú e Jacó*.

Tendo também desempenhado a função de tradutor, em que medida você se envolve com as traduções que são feitas de suas obras?

O diálogo com os tradutores é fundamental. Às vezes faço sugestões. E sempre tento esclarecer uma dúvida. De um modo geral, tive muita sorte com os tradutores. As tradutoras para o árabe e espanhol (Argentina) são excelentes, ambas professoras da USP. O mesmo posso dizer das traduções francesa, inglesa, italiana e alemão. Com a Amina Di Munno (tradutora italiana e professora em Gênova) participei de uma mesa redonda na USP sobre questões de tradução. Traduzir não é trair. Ao contrário, a melhor tradução é fiel ao ritmo e à melodia do texto de origem. O tradutor deve encontrar essa prosódia em sua língua, mas sem trair o significado do texto de origem.

Você é um grande leitor de Edward Saïd e chegou a traduzir uma de suas obras para o português. Já Saïd traduziu para o inglês (junto a Mariame Saïd) um texto importante de Erich Auerbach chamado

opiniões

“Philology and Weltliteratur”. Nele os tradutores defendem a escolha por não traduzir o termo *Weltliteratur* argumentando que

Weltliteratur is therefore a visionary concept, for it transcends national literatures without, at the same time, destroying their individualities. Moreover, Weltliteratur is not to be understood as a selective collection of world classics or great books — although Goethe seemed often to be implying this — but rather as a concert among all the literature produced by man about man.

Qual a sua leitura do conceito de *Weltliteratur*/Literatura Mundial enquanto um escritor brasileiro?

A ideia da *Weltliteratur* surgiu na década de 1810, quando Goethe leu o Corão e poetas persas, notadamente Hafiz, que inspirou os poemas do Divã Ocidental-Oriental. Esse mesmo poeta persa inspirou um dos mais belos poemas de Manuel Bandeira: Gazal em louvor a Hafiz. Sei que é preciso considerar as particularidades e o contexto histórico de cada leitor e escritor; mas há uma corrente de sensibilidade que transcende gêneros literários e passa pelas narrativas orais da África e das Américas, não raramente menosprezadas, senão ignoradas por um certo Ocidente. Dou como exemplo uma obra-prima da cultura ameríndia, intitulada “A queda do céu – Palavras de um xamã Yanomami”, uma coletânea de discursos poéticos, míticos, políticos e históricos narrados por Davi Kopenawa, e traduzidos e editados pelo antropólogo Bruce Albert. Edward Said critica a supremacia da literatura canônica ocidental. Ele pensa, com razão, que outras literaturas (da África, da Ásia e mesmo da América Latina) são pouco divulgadas e traduzidas. Ele combate essa hierarquia, em que prevalece a posição do “Ocidente”. No fundo, é uma crítica ao olhar imperial das nações hegemônicas, principalmente os Estados Unidos. Said desenvolveu e aprofundou essa crítica no livro *Cultura e Imperialismo* (Companhia das Letras). Conheci vários romances africanos depois de ler esse ótimo ensaio de Said. Por exemplo, *Tempo de migrar para o Norte*, do sudanês Tayeb Salih. É um romance extraordinário. Foi publicado pela Planeta e agora saiu uma nova e belíssima edição pela TAG, um clube de leitura.

Por um período infelizmente breve assistimos uma explosão de investimento institucional na divulgação da literatura brasileira fora do Brasil. Enquanto escritor, você avalia que os frutos desses investimentos possam ser duráveis ou a literatura brasileira retornará muito em breve ao ostracismo no concerto das nações que compõem a Literatura Mundial?

Na Biblioteca Nacional havia um programa de bolsas para tradutores. Esse programa foi muito importante para traduzir e publicar a literatura brasileira, clássica e contemporânea. Se esse incentivo acabar, muitos livros não serão

opiniões

traduzidos. Penso que o novo governo não está interessado na cultura brasileira. A mistura do neoliberalismo com fundamentalismo religioso passa muito longe da cultura e da literatura. Nós assistimos ao colapso do humanismo. Mas é preciso lutar contra a estupidez, a ignorância e o conformismo.